

JORNAL DOS DEBATES

Publica-se nos quartas-
feiras e sábados. Subscre-
ve-se nesta typographia.

POLITICOS E LITTERARIOS.

Rio de Janeiro. Typ. imperial e constitucional de J. VILLENOUE & Comp., rua d'Onvidor N. 65.

INTERIOR.

O que hoje mais caracteriza a política do Governo do Brasil, é a sua funesta tendência a romper o equilíbrio dos sentimentos geraes, e dos principios, e a constituir os em estado de luta intestina com os sentimentos e interesses peculiares do Poder. Porque não demite os Presidentes, assignalados por atropellar todos os direitos, por animar o homicídio da maneira a mais immoral, e repugnante, como o Presidente do Ceará? É porque esse individuo é útil à causa particular do Poder, embora excite elle o descontentamento, e até mesmo a indignação do Brasil. As ideias de conveniencia geral, a necessidade do respeito das instituições, o spirito de conciliação dos partidos nas Províncias, são elementos, que parecem não entrar nas combinações do Poder a respeito das escolhas. O que elle requer essencialmente nos individuos, é que obrem nos interesses directos, e imediatos, não do Brasil, mas do Governo; todas as outras considerações são indiferentes; pouco importa que promovam a concordia, ou semelhantemente a divisão nas Províncias; pouco importa que governem pela violencia, ou pela justiça; segundo o sistema actual, os governos devem guiar-se pelo impulso unico das sympathias individuaes, e não pelas exigencias da opinião-publica. E a este respeito a política hoje dominante tem dividido o Brasil em dous campos: em um classificou a grande maioria d'aquelle, que se mostram avessos à marcha do Governo; em outro os seos partidistas sinceros ou interessados. Os primeiros receberam a denominação de inimigos pessoais do Regente, palavra de guerra, opposta diametralmente ao spirito do sistema representativo, aonde não ha amigos, nem inimigos individuaes, mas sim adversarios ou partidistas desta, ou aquella maneira de governar o paiz.

Colocado n'esta situação, o Governo tem-se tornado o chefe parcial de um partido, e não o Governo geral do Brasil. Os votos do partido adverso, que ataca a administração, em nenhuma hypothesis devem ser julgados dignos de ser attendidos pelo Poder; elle se supõe obrigado a repelir todas

as exigencias do paiz, uma vez que a Opposição as advoga: «é preciso não transigir com inimigos» tal é o grito d'ordem do partido interessado no presente estado de cousas; tal é a consequencia d'essa triste posição. Os maus Governos commettem um erro de calculo contrá seos próprios interesses, quando se recusam á uma medida pelo unico motivo de ser sollicitada pelos homens, que elles crêm seos inimigos; esta cega e culpada desconfiança expõe á muitos riscos. O que os adversarios de um governo se obstinam em pedir-lhe, não é precisamente o que acarreta utilidade directa para a sua causa, mas sim aquillo, cuja repulsa prejudicará o Poder, que combatem. Elles estudam as disposições do publico, indagam, que votos pôde formar, por quais sentimentos se deixa mover; e quando uma vez obtiveram uma tal descoberta, a fazem valer com ardor; e o Governo que por suspeita dos homens, resiste então ás cousas, desacredita-se para com o publico, que desejava realmente, o que pedia a Opposição; sem unir consequencia alguma á esse voto. Uma grande parte das questões, que hoje se agitam, são deste carácter. A Opposição reclama a demissão do Presidente do Ceará, não porque dahi resulte utilidade directa para a causa de um partido, mas sim porque julga, que tal é o voto do paiz, que tem altamente desaprovado a administração violenta, e immoral daquelle funcionario.

O Governo porém tem para si, que a sua vontade, e interesses são não só distintos, mas tambem independentes da sociedade, sobre a qual elle se exerce, como o lavrador sobre o solo que o nutre. Dahi resulta, que é um governo votado á considerações puramente individuaes, e incapaz de distrahir-se d'elles, para curar dos interesses de todos. Exclusivamente absorvido na questão das pessoas, elle olvida o Brasil, e illude os fins da sua missão. Por qualquer lado que seja encarado o actual Governo, revela-nos sempre o mesmo spirito. Qual é a causa do seu rancor contra a Imprensa? O extraordinario Decreto de 18 de Março faria suppor a existencia de uma crise ameaçadora no Estado produzida pela imprensa; faria suppor, que as nossas instituições, a ordem, e a in-

tegridade da monarchia se achavam em perigo, e que por isso reclamavam promptos e grandes meios de salvação. Entretanto nada disso existia, e nem existe presentemente; o amor proprio individual ferido pelas faccias de um Jornalista, eis a verdadeira, e unica causa de um tal Decreto. Para vingar a sua causa particular, o Poder não hesitou em violar a Constituição, e as leis do Imperio com o fim de algemar a liberdade de escrever. Em todos os actos do Governo cumpre procurar-se sempre motivos individuaes.

O desacordo entre o Ministerio, e a Camara, é evidentemente um mal incalculável para o paiz; elle empece a marcha da Administração, a priva de todos os meios de accão, e tira-lhe por fim a força moral, esse elemento indispensável para o successo dos governos. Ora, o meio unico de remover esta situação, seria evidentemente o de organizar-se um Ministerio appoiado nos principios, e na opinião da Camara. Mas ainda a este respeito as sympathias ou os rancores pessoais tem falsificado o regimen representativo: as considerações da causa publica, as necessidades da vida representativa, não entram por causa alguma na balança da politica actual; as amizades ou inimizades regulam todos os cálculos, com detimento dos interesses e da dignidade do Brasil. Um Rei de França dizia «o Estado sou eu». O Governo do Brasil parece estar dominado pelo mesmo pensamento; parece considerar o Estado como patrimonio seu assemelhando a direcção dos destinos publicos a gestão de negócios privados. Aquel le Rei de França ao menos havia protegido as artes, as sciencias, a industria, e coberto a França de gloria. E o que nos pôde dar o Governo actual do Brasil? o abandono e atraso de tudo aquillo, que contribue para a riqueza, a ilustração, e a glória das nações.

A Comissão da Camara dos Deputados nomeada para examinar a denuncia dada pelo Sr. Henrique de Resende, contra o Decreto de 18 de Março, apresentou o seu parecer. Ela affirma que o dito Decreto constitue uma manifestação manifesta d

Constituição, e do Código Penal, e por consequência é de parecer, que, julgada procedente a denúncia, se prosiga nos termos da lei.

O QUE SE DEVE ENTENDER POR — METAPHYSICA E PLANTA EXOTICA — EM FRASE OFICIAL.

Não foi sem sistema e sem princípios, que ousámos trabalhar na difícil tarefa do jornalismo. Nós determinámos o ponto da partida, estabelecemos uma marcha regular, e imposemos a nós mesmos um fim, uma missão, que procurámos realizar com toda a lealdade e firmeza, sem atendermos a indivíduos, ou a partidos. O sistema do Jornal dos Debates, o ponto da sua partida, é a Monarquia Constitucional. A sua marcha regular tem sido, o sustentar as formas representativas, como unicas garantias do sistema adoptado pela nação. O seu fim é o de combater o Poder, chamal-o à ordem, quando, em despeito do regimen representativo, das esperanças e tendências da nação, elle se deslisa da unica vereda possível ao estado das nossas causas políticas. Tal tem sido o seu procedimento. Entretanto, com grande surpresa nossa é taxado de *metaphysico* pelo Jornal do Governo; suas doutrinas, puramente constitucionaes, são reprovadas por elle como *plantas exóticas*. E para que a reprovação caiá ainda mais vergonhosamente sobre o Jornal dos Debates, diz-se que quer *afrancezar* o Brasil. De que sistema procede tão estranho método de argumentar? De que verdade oculta, ou de que combinação de princípios nasce emelhante maneira de rebater os factos que apresenta, e de refutar as suas ideias? Por ventura o regimen representativo, que sustentámos, é *planta exótica*, que se não quadra as nossas circunstâncias? Não temos de uma Monarquia Constitucional Representativa? ou quererão que isto só exista em nome? Quererá o Correio Oficial revelar-nos, que o sistema representativo é *metaphysico*, e *planta exótica*, porque o Governo não constitucional?

Mas nós não podemos fazer tão grave acusação ao Governo, como o faz o seu proprio Redactor, sem ao mesmo tempo denunciar-o de alta traição. Pois que! O Brasil que até hoje tem lutado contra todas dificuldades, apresentadas pelo velho rei-men, e pelas ideias ultraliberæas; o Brasil intelligente, que manifesta uma só vontade n' matéria de forma de Governo; o Brasil que desde a sua independencia até o dia 7 de abril, desde esse dia até hoje se tem sacrificado pela Monarquia Constitucional Repre-

sentativa, pederá ouvir de sangue frio que tal sistema é *planta exótica*? E somos nós por ventura, nós que sustentamos este sistema, que é da Nação, que queremos *afrancezar* o Brasil? Somos nós acaso os autores da Constituição do Estado? Certamente ella não é tão original, que não fosse modelada pela Constituição da França ou de Inglaterra; e debhixo deste ponto de vista esses princípios tanto são Francezes como Ingleses; o que vale o mesmo que dizer, que são os princípios do *sensu communum*, os princípios do mundo civilizado no seculo XIX, os unicos princípios que tem sustentado o J. dos Debates, os unicos que o Brasil deseja. Apesar disto somos *metaphysicos*; os exemplos apresentados tirados da politica Inglesa ou Franceza são *plantas exóticas*; e o Jornal dos Debates quer *afrancezar* o Brasil! E o que quererá o Correio Oficial? *Barbarizar-nos* sem duvida? O sistema Constitucional nasceu por ventura entre nós? veio-nos elle dos Tapuias, ou da Costa d'Africa? Pretende o Governo que, em logar de irmos ver o que fazem Ingleses e Francezes, que nos deram o exemplo da Monarquia Constitucional, para por elles guiar-nos, convertarmos em verdades normaes os seus desvios, e citemos factos em seu favor tirados da historia das nações barbarescas? Não; nós não podemos crer um só momento que tal seja a intenção do Governo; apesar dos factos *sui generis* que elle hoje apresenta, apesar dos princípios, que elle sustenta, e que estão bem distantes do sistema representativo; apesar mesmo de todos os erros do Governo, nós não julgamos que elle dirija seus esforços para derrubar a Constituição, e a liberdade legal; seus erros serão talvez mais de intelligencia, que de vontade. Mas o Correio Oficial compromete gravemente o Governo. Acostumado a defender tudo, a sustentar tudo, elle baralha as epochas, e se esquece a que ministerio está servindo, e que princípios em dia deve expôr. Triste consequencia de quem não tem sistema seu, de quem renunciou a sua propria consciéncia, e se propõe para adovgar todas as causas, e de sacrificar por elles a razão, a verdade, o decôrro e os princípios. O Correio Oficial é o maior inimigo que o Governo tem hoje, porque o compromete, elle o trâbe, e nos revela uma doutrina anti-Constitucional, anti-política, anti-parlamentar: elle nos faz crer que o Governo tem vistos sinistros de atacar a Constituição, de derrubar a liberdade de pensar e de escrever; elle nos diz que as formas representativas são plantas exóticas, e que o nosso terronão não está preparado para isto, sem se lembrar que ha mais de 12 annos que o Brasil se governa por es-

tas formas. Nós perguntamos ao Correio Oficial para que pois está preparado o Brasil? Que sistema nos deve reger, e que theoria é a sua, visto que a do Jornal dos Debates passa por metaphysica? Qual é? nós poderíamos responder. É fazer guerra aos princípios, por que não convém, porque não tem sistema, nem princípios; porque quer que a vontade se ponha em logar da verdade, o capricho em logar dos princípios; porque quer um Governo sem modello, sem regra, para não sofrer exemplos, nem objecções, e ter o campo mais livre para suas excusões caprichosas, Governo em *summa sui generis*, adequado, não ao Brasil, mas ao Poder. Como não combatemos um Poder, que se escolha de tais defensores? um Poder, que se inculca ofensivo do regimen representativo? Nós também somos Cidadãos Brasileiros, e soffremos com esta linha de divorcio entre a Nação e o Poder; mas ainda não abdicamos a faculdade de pensar livremente. Não nos voltamos a homens como escravos a seos senhores, votamo-nos a princípios; e aonde os nosos se apresentam, ahí estaremos para pugnar por elles. Hoje pela oposição, porque ella é justa, porque ali estão os nossos princípios; amanhã pelo Governo, si elle entrar nos limites marcados pela lei, e pelo sistema representativo. M.

Pede-se-nos a inserção do seguinte:

AO REDACTOR.

Como no numero 23 da sua folha, um artigo sobre os monumentos d'esta Capital, com justiça classifica o edifício da Academia das Bellas Artes, um dos tres unicos filhos da architeturra, estranhos à aturia dos reflexos bastardos da arte, e mais abaixo diz, que não pôde deixar de lamentar, que o melhor edifício, que temos, esteja metido em um beco, sem luz, e espaço para ser visto: é bom que se assigne também ao publico um facto recente, que basta anunciar despidão mesmo de qualquer reflexão, para provar a razão de todas as suas censuras. O ultimo relatorio do Ministerio do Imperio, tratando das Academia das Bellas Artes, diz pouco mais ou menos, o que vem no artigo do seu Jornal, acrescentando, que a despesa necessaria para deitar abaixo algumas barracas, que ha defronte do frontispicio daquella Academia, a que com razão chama um dos mais elegantes edifícios que temos na Capital, não excederá a 8:000.000 de réis: entrando em discussão na Camara dos Srs. Deputados, o orçamento daquelle ministerio; lembrou-se um membro d'ella, (apezar de não ser Deputado do Rio de Janeiro) propor,

que se desse aquella quantia, para se abrir uma praça semi-circular desfrnte da mesma Academia. Porém, qual seria, Sr. Redactor, o resultado d'esta proposta. Era de crer, que na Camara onde todos os dius se votam contos de réis para despezas improdutivas, e de mero interesse individual, se votasse á unanimidade por tão bella ideia. Infelizmente, porém foi rejeitada!! No tempo de um Rei absoluto, fez-se o melhor edificio, que ha no Rio de Janeiro, para n'ele se ensinar as *artes liberaes*, quando o Brasil era unido a Portugal, donde era provavel, que o Rei, e todos os seus Ministros lá nascidos, fossem mais amigos hoje que o Rio de Janeiro é a Capital de um Imperio independente, que se diz regido pelo sistema liberal, nega-se uma insignificante quantia para levar a effeito o plano de abrir uma praça, donde esse mesmo edificio possa ser apreciado!! Hoje em dia esta obra se faria apenas com 8:000.000 de réis, entretanto que quando no porvir, se quizer remediar este mal, ella custará a nação mais contos de réis, que a somma de todas as pensões, e loterias, que n'esta sessão tem prodigalizado a Augusta Camara. Resta, porém a terceira discussão do orçamento, e fazemos votos para que a Camara remedee então semelhante desacerto.

* *

LITTERATURA.

LORD BYRON.

A poesia é a mais viva e a mais nobre expressão de uma epocha; é a representante das ideias e opiniões de uma nação; é a historia de seus habitos e grão de illustração. Para que se popularise a ideia, que a philosophia exprime com seus axiomas, a historia com seus factos, a religião com seus symbolos, e as artes com suas formas, cores, e sons, é necessário que a poesia a absorva, e depois a desenvolva, por meio da energia de suas sublimes imagens e inspirações. Como conhecemos nós a civilização e a historia do Oriente, d'essa mystica pátria das religiões e do entusiasmo? Pelas grandes epochas Indias, de cem mil versos, em que os combates, os heroes, e as fictions, tudo é magistoso e gigantesco, como os cumes de Illimalaya, e o leito do Ganges: pelas heroicas tradições da Persia, miscellanias extraordinarias de austeridade religiosa, e de apaixonada voluptuosidade, de abstração metaphisica, e de ingenuas graças: pelas pinturas maravilhosas dos Roseos jardins de Sadi: pelas misticas poesias dos Sufis; pelas amargas melancholias de Job, pelos extases proféticos de David e de Isaiss; pelas fictions, e grandioso Alcorão de Mahomet, obra immensa de legislador e de poeta: pelos canticos impetuoso dos Arabes, dotados de tão bizarras, vaporosas, e perfumadas imaginações; e pelas finas e agudas ironias dos Chinas.

Como conhecemos nós os usos heroicos dos Gregos e Romanos? Por meio dos seus sublimes Vates, dos Homeros, Sophodes, Eschylos, Pindaros, Horacios, e Virgilios. E também a media idade comprovaria a nossa assertão, trazendo-nos os Dantes, Petrarca, Boccacius, os Trovadores, e mais populares Poetas: seria longa a viagem, se mais expadessemos este axioma, portanto chegemos ao começo do Seculo XIX, representado e individualizado em Lord Byron, que é a principal personagem, o hero de drama, que esboçamos.

Os ultimos annos do Seculo XVIII se cobriram de lucto e de opprobrios: a revolução francesa, echo das ideias materialistas do Seculo, filha legitima das doutrinas encyclopedicas, tudo havia destruido, sistemas, crenças, opiniões, e costumes. Um audaz soldado, que se elevava até o throno, repercutio seu echo em toda a Europa, e popularisou as suas ideias, através de rios de sangue, e de montões de cadáveres. Tudo era incerteza, dúvida, incredulidade. O sistema do scepticismo, consequencia exacta de uma metaphisica de morte, prevalecia geralmente: — Passai, mortais de um dia, que não fosteis arrojados n'este deserto pela Providencia, mas sim por puro capricho do acaso; passai mortais de um dia, não vos fieis na vida; por que haveis de morrer... mas ao menos gozai-a. Seja docil a vossa vida, sejam de amor os vossos cantos, sejam voluptuosos os vossos suspiros —.

Em 1788 na Cidade de Douvres nascio Jorge Gordon, Lord Byron, descendente de uma nobre familia: e as scholas de Harrow e Cambridge foi passar a sua infancia. Dotado de uma ardente immigração, de uma beleza seu igual, engolpado nas leituras de Rousseau, d'esse Democrito moderno, se arrojou no seio dos prurores amoroços, percorre todo o labirinto das delicias sensuais, e por fim desesperado de não mais encontrar novos prazeres, perdido no vacuo das paixões, deixou a velha Britaonia, e embarcou-se, e visitou extraños paizes. Portugal, Hespanha, Grecia, e Turquia, foram o theatro de suas excursões; aborrecido de todo o que via, furioso contra a humanidade, não sustido pelo entusiasmo religioso, e pela doutrina spiritual, regressou à Inglaterra, onde pouco tempo depois casou-se com uma nobre herdeira, Miss Milharke. Porém seu spirito de altivez, sua união politica com os Whigs, e mesmo seu genio, que com nada se coadunava, e outras causas, que ainda ignoramos, o obrigaram repentinamente a desamparar para sempre a esposa, a filha, e os lares patrios.

Attravessou a Alemanha, Hollanda, Suissa, e demorou-se na Italia, paiz do seu coração, segundo elle dizia. Lançou-se sem freio no turbilhão da voluptuosa Veneza; o amor ao redor d'elle espalhou milhares de flores e de perfumes: muitas donzelas venezianas, de nobres familias, se deixaram consumir d'essa forte paixão, d'esse vasto e furioso amor das plagas banhadas pelas ondas do Adriatico, promplo a viver e a morrer, resignado a consumir-se de exaltação e de extase. O perfido n'ellas não vio mais que victimas, respirou-lhes o alito inflamado, e o suave perfume, e

quando, pisadas, as folhas das rosas murcharam, elle deixou-as... Infelizes, inquietas amantes, que tudo a elle sacrificasteis, honra, reputação, e vida, tomai o exemplo, não mais vos fieis... .

Não mais o teo sorriso ao teo responde; Si n'alma inda conservas um suspiro, Por mim, rogo-te, deixa-o; os teos olhos Sobre mim seu imperio já perderam.

Tal foi a resposta, que elle deo á Julia, é uma infeliz, que se esforçava embalde em ouvir ainda uma vez aquellas palavras de fogo, com que os amantes brindam as amadas.

Quantas vezes sentado elle na ponte dos suspiros, entre um palacio e uma prisão, entre os prazeres da vida, e as dores da morte, se extasiava, vendo uma cidade levantar-se do seio do mar, como, por encanto, surrindo-lhe através dos marmores restos de uma glória moribunda, e então na exaltação poetica, n'esse momento, em que galopava o sangue nas veias, bate o coração, esquenta-se a fronte, e de um quasi profetico calor se revolve todo o cerebro, como si a Etia n'elle projetasse suas lavas... n'esse instante de quasi furor exalou elle o admiravel começo do quarto canto de Child Harold... Harold, criação de sua immigração sublime, relação exacta de suas viagens e de sua historia, espelho, onde reverberam todos os seus sentimentos, todas as suas paixões... .

Quantas vezes passeando no Lido, recreio dos Venesianos, lebramo-nos nós que ali Lord Byron, recebendo nas faces sopro mimoso do Adriatico, se elevava, com arrojado voo d'aguia, ás mais sublimes concepções poeticas? O mar maravilhosamente se estende, a branda viração bejava suas faces, as montanhas da Illyria se arrojavam nos ares, a Campanila de S. Marcos de longe se avistava, um céo voluptuoso nos abraçava, mil gondolas dispersas passavam e repassavam. Ah! Quem vio Venesa, vio a maravilha, o diamante do Universo, e só pôde fazer uma idéa de suas belas. Sim, no Lido Byron confiava á torrente as inspirações de seu genio, ao murmúrio das vagas comunicava seus melodiosos suspiros... .

Si minha fama for, como tem sido, De fragil duração minhas fortunas, Si do templo, em que mortos são honrados Pelas nações, o triste esquecimento Riscer deve meu nome.... Que assim seja!

Sim, suas fortunas tinham sido prematuras, seus prazeres tinham passados rápidos como o raio, a taça dos deleites tinha fel no fundo, e a austera melancolia se apoderara delle, porque não acreditava na immortalidade, porque nenhuma idéia de gloria lhe restava além do tumulto, e do nada!

A incredulidade está na superficie da materia, cavai a terra, e encontrareis o céo. *

Apartando-se de Venesa, retirou-se à Ravenna, onde por algum tempo o reteve o tumulo de Dante Alighieri. Sim, o tumulo de Dante, porque elle amava os tumulos, os desertos, as infelicidades: o tumulo era o unico amigo, que lhe restava, e no tumulo achou inspirações. Passou à Boma; visitou o Coliseu, o Panthéon, o Palacio de outo de Nero, e dos Imperadores, o mausoléu de Adriano.

os tumulos dos Scipions, e de Augusto, a fonte Egeria, e as catacumbas.

Oh Roma! Minha Patria! De minha alma A mais cara Cidade! De caídos Imperios. Mai desamparada e triste! Os orfões de coração vem contemplar-te, Vem procurar alívio a seos tormentos No gremio teo, oh mai dos infelizes! Tu, que somente um dia rala as dores, Ah! vem ver os cipreates, vem ouvir Os cantos dos nocturnos muchos funebres; Vem pisar estes thronos em pedaços, Estas ruinas de templos carcomidos. Um mundo aos pés está, como nós fragil!

E em Roma, que toda a potencia dos poetas se mostra; nós nada conhecemos em poesia, que possa igualar o quarto canto de Child Harold, que é a sua viagem de Venesia até Roma. As brilhantes qualidades, que adornavam o seu genio, a singular facilidade de emoção, que em alto grau o caracterizava, a inexgotável variedade de imaginação e de força, e ao mesmo tempo uma amarga ironia, e desesperada philosophia, transbordam em suas composições. Os thesouros de poesia lyrical, elegiaca, e dramatica, são prodigalizados à mãos cheias. Porém tambem, quando pisa sobre o pó dos heróes, sobre essa terra classica e santa de grandes acções, um sorriso sombrio, e quasi que de alegria lhe escapa dos labios, parece um genio de mal curvado sobre os tumulos, blasfemando!..

Estes apostrophes dirige elle ao homem:

Quanto te abusas, debil, fraco insecto, Gam teos projectos, orenças de virtudes, Com tuas esperanças de um futuro, Com tua opinião de spirito e alma!... Eu cá sei descrever tuos sentimentos Os mais ocultos, mas aos pés os piso! Tuas flores as piso, d'ellas pio-me!

E a Deos, autor do homem:

Na desordem geral da natureza, Da humanidade em fim, dize, to rogo, O que é a Providencia?

E em fim á sociedade:

Não és mais que temível ironia.

Extraordinario e singular homem! Como devrias ser odiado e aborrecido, si o genio, e a tua heroica morte te não desculpasse essa mordacidade, e odio contra a natureza humana, que de continuo professas! Que existencia, que vida agitada, perseguida, e digna de o ser!.. Mas que morte gloria e triste!.. Ela o salvou, ella lhe fez tudo perdoar! Na idade de 37 annos expirou em Misolonghi, tomou no tumulo o primeiro logar entre os martyres da liberdade, entre os Botzaris, e Canaris, modernos Epaminondas, revindicou para si a iniciativa da consagração da causa santa dos Gregos. Uma tal morte, modelo de heroismo, é sem duvida nobre e bella: morrer por uma tão santa causa, em defesa da civilisação, independencia e liberdade, é felicidade humana, digna de ser invejada! Todos os erros de nossa vida se compensam por essa aurora de gloria!

Morreu Byron em uma terra estrangeira, 56,

abandonado dos seos, longe de uma esposa, que elle despresava, de uma filha, que tanto amava, da innocent Adda, e longe da patria, que apesar de suas injustiças para com elle, de sua iogratidão, elle amava!.. Ninguem lhe assistiu á seos últimos momentos para lhe perdoar, e ser perdoado!.. Reuni-vos, Santa Hellena, Ravenna, Misolonghi, reuni-vos, tumulos sagrados do infortunio, e da gloria!

Então a Inglaterra se ergueo do seu lethargo, e foi disputar á Grecia a gloria de conservar os restos do Bardo, que a tinha vindo defender. A força n'este mundo é o direito, e os malvados, que despojaram a Grecia de tantas ruinas, de tantos tumulos antigos e preciosos, que arrancaram as bellas columnas do Parthenon, roubaram-lhe tambem as cinzas de Lord Byron, para as transportar á Hucknall, em Nottingham, e as depositar no lado das de sua mai. E mister entretanto que Westminster reclame essas cinzas, e eleve ao Bardo de Dourves um mausoléu entre Shakpear, e Milton.

Porque não fazes, oh Florença, o mesmo?
Porque não pedes á Ravenna as cinzas
Do Poeta maior, que a Italia teve?
Porque não revindicas o teu Dante,

Tratemos agora das suas obras. Ellas são a reflexão de sua epocha, a expressão dos mudaveis sentimentos e paixões, que a caracterizavam; ellas são a revelação das incredulidades e phrenesis, que sahiram do tempestuoso intervallo, em que se confundiam o primeiro grito vital de uma sociedade nascente, e as convulsões de outra, que expirava. Grande melancolia e desgostos superabundam em todos os seus escriptos, revestem com sombras suas mais ricas concepções, e dão á sua lyra a apparença de uma continua protestação contra a humanidade. Embalido no scepticismo, e materialismo de seu tempo, via elle um presente sem esperanças, e sem futuro, e por isso só nas ruinas, nas desesperações, nas scenas de morte e de dores achou elle inspirações; e não tem n'isso rival algum. Nenhum vale arrancou das cordas funebres de uma lyra desesperada mais harmoniosos accentes, e tão penetrantes pensamentos.

É impossivel descrever a impressão, que nos causa a leitura de Manfredo, do Corsario, do Giaour, de D. João, poemas que desenvolvem toda a sua infernal harmonia, e todas as immoralidades, e horrores de sua vida, adornados com a mais prodiga e extrema riqueza de variações: é impossivel descobrir o seu segredo, quando penetra nas mais reconditas fibras do mysterioso coração humano, quando descobre esses indifiníveis sentimentos, que nos exaltam, e apaixonam. Não brilha em suas composições o balsamo sagrado de Job, d'esse cantor Oriental dos terrestres infortunios, porque elle não tem fé, nem esperança. Não há aquella dor elevada, e ao mesmo tempo consolada pela immortalidade e eternidade de Ioung, porque elle nada acredita. Ha um materialismo encarnado, que desespera, e atemoriza, ha um desprezo mundano, de quem já se embrenhou em todos os praseres sensuas, de quem já sorveu todos os gosos das

paixões, e que já n'ellas não encontra praseres, estando saciado. Porém ha tanta poesia, tão bela pintura de amores e diilicias, que ao mesmo tempo encantam.

Eis os seos ultimos adeoses á Inglaterra:

Adeos, terra natal, que despareces
Sobre as ceruleas aguas; muge o vento,
Suspiram com furor as fortes vagas;
Os gritos da gaivota repercutem;
O sol seguimos nós, que vai fugindo
Do Oceano ao Palacio recostar-se.
Adeos p'ra sempre, oh Patria, adeos Britancia!

Quem pôde se fiar nos vãos suspiros,
De uma esposa ou de amante! Chammas novas
Breve estes olhos secoarão tão humidos!
Não me afflige a saudade dos praseres
Passados, nem os pr'igos, que ameaçam...
Punge-me a dor de nada ter deixado
Que nua só reclamar leva-me lagrima.
Comigo alegre fui, oh meu navio!
Pouco me importa a que peix me leva,
Com tanto que não seja á Patria minha!
Salve, ceruleas aguas, salve montes,
Ol'grutas, ol'desertos, salve os prados!
Adeos p'ra sempre, oh Patria.

Quando de uma lingua se passa para outra uma obra poetica, tem-se o mesmo trabalho, que se despejasse de um vaso em outro uma agua perfumada e odórifera, e cujo perfume muito se perde no momento; por tanto, ésta triste traduçao nossa não é mais que uma palida cópia, sem o perfume, que exhalon-se, e os leitores sabem desculpar.

Child Harold, Parisina, o Prisioneiro de Chillon, e Lara, são os poemas, que nós mais gostamos, porque n'elles, além da prodigalidade natural de poesia, que esprai Byron nas suas composições, ressumbra um pathetico doce, e de natureza um pouco celeste, e não reflectem aquelle spirito de immoralidade, e de desgosto, que elle tanto entremeia nas outras suas obras. Entre as suas tragedias, talhadas á manica Shaksprianna, e cheias de bellezas verdadeiramente dramaticas, damos a preferencia a Sardanapalo, e a Marino Faliero, e as desejaríamos ver traduzidas por habil mão em nossa lingua, assim como os poemas que acima apontamos.

A schola de Lord Byron, depois de haver muito influido nas composições de outros poetas modernos, devia cessar com o renascimento da civilisação actual, toda spiritualista, e inspirada pelo puro christianismo. Ela foi o adeo ultimo do materialismo, o arranco derradeiro da velhice do passado seculo.

No entanto, oh Brasileiros, dai uma lagrima á Lord Byron, ao primeiro e o mais sublime poeta do nosso seculo; e si passardes por acaso por Hucknall, ide visitar seo tumulo, e lá, murmurando o cantico dos mortos, não deixeis de pronunciar seo nome. O tumulo é o sello do mysterio, e Deos vos gratificará.

P. S.